



ENTREVISTA COM SANDER CRUZ CASTELO¹

Entrevistadores:

Francisco Romulo Rocha Maia²

Gerlane De Sousa Xavier³

Sabrina Menezes Da Silva⁴

Transcrição:

Clara Beatriz Oliveira Moreira⁵

Sabrina Menezes da Silva

Sander Cruz Castelo é licenciado, bacharel e mestre em História, doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e pós-doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi-Morumbi. Atualmente, é Professor Adjunto do curso de História e do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da FECLESC-UECE. Possui trabalhos nas áreas de história, cinema, sociologia, educação, filosofia e psicanálise. Entre suas obras, destacam-se “Historiografia: a escrita cinematográfica da história (2015)”, “A (psico)historiografia de Peter Gay: uma história informada pela psicanálise (2021)” e “Imagem e ensino de história (2015)”.

¹ Entrevista realizada virtualmente, no dia 29 de agosto de 2024, como uma atividade proposta pelo grupo PET/MEC de História da FAFIDAM/UECE. A atividade visa a realização de entrevistas com Historiadores cearenses, de diferentes vinculações teórico-metodológica, com a finalidade de fazer o registro de suas trajetórias acadêmico-profissionais, principalmente no campo da pesquisa e do ensino.

² Aluno do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3071279100557243> . Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2619-5360>. E-mail: romulo.maia@aluno.uece.br .

³ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6506-3843>. E-mail: gerlane.sousa@aluno.uece.br .

⁴ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2740945597800815>. Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0009-4759-3839>. E-mail: sabrina.menezes@aluno.uece.br.

⁵ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3438557612155890> . Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6652-2249>. E-mail: bea.moreira@aluno.uece.br .





1 Primeira parte: Trajetória pessoal

SMS - Inicialmente gostaríamos que você nos falasse sobre sua infância/adolescência, sua família e sua vida escolar.

SCC - Eu não sou propriamente cearense, mas me reconheço como cearense, porque minha família por parte de pai e mãe são cearenses que migraram para São Paulo, entre virados dos anos 50 pros anos 60, como muitos cearenses. São Paulo, um lugar industrializado, com muitos empregos. Então, meus pais (são) do interior do Ceará, a gente sabe desse motivo de migração massiva de cearense pro sudeste, então eu sou meio que filho dessa geração. Meus pais quiseram retornar pro Ceará, principalmente meu pai, isso em 86, eu nasci em 75, na capital, mas boa parte da minha infância eu passei em São Bernardo do Campo, ali no ABC Paulista.

De lá meus pais voltaram pro Ceará, isso em 86, 87, então desde então eu tô fixado aqui, voltei poucas vezes pra São Paulo. Então assim, tanto pela afiliação como pela minha própria experiência de vida, eu me reconheço hoje muito mais como cearense do que como paulista, então foi meio um acidente geográfico eu ter nascido em São Paulo. Ainda sabendo que a infância marca muito a gente. Má a despeito disso, né. Bem, então a minha vida escolar que eu tenho mais lembrança remete a São Bernardo do Campo, eu sou de 1975, então eu lembro do pré escolar, então eu devia ter 4 anos de idade quando ingressei na escola em São Bernardo do Campo, era uma escola pública chamada Adail Luiz Miller, que eu acho que ainda existe, muito próxima da minha casa.

Eu cheguei a morar também um ano no interior de São Paulo, uma cidade chamada Sumaré, do lado de Campinas, meu pai havia arrumado um trabalho lá, e lá também estudei em uma escola que é chamada João Franceschini, que eu não sei se existe. Mas quando voltamos pra São Bernardo do Campo, eu retomei a escola em que eu já estudava. Isso eu tô falando do fundamental I, então assim, como eu falei pra vocês, a gente veio pra Fortaleza cerca de 86, 87, então tava começando o que seria hoje o ensino médio, então aqui em



fortaleza eu estudei acho que não foi nem um ano no colégio equipe, uma escola particular de menor porte, que eu acho que talvez não exista mais.

E depois, a gente acabou indo morar ali naquela região do cambeba e a escola particular lá que já existia, talvez a mais importante da época, era o Iudete Sacavalcanti, que é do grupo farias Brito, hoje eu não sei qual é o nome, fica ali na Washington Soares. Ali foi que eu fiz o ensino fundamental II e parte do ensino médio, então no segundo ano eu acabei indo pra outra escola, uma escola menor do bairro, que era a escola conhecida de menor porte, mas também tradicional, chamada Raquel de Queiroz, lá eu terminei o segundo ano e o terceiro ano eu acabei fazendo no GEO, que era uma escola também muito conhecida na época, aí eu já tô falando de início dos anos 90 e fiz lá o terceiro ano, era uma escola que era muito boa pra preparar os alunos pro vestibular, acho que foi por isso que meus pais me transferiram pra lá.

Então assim, foi basicamente essa a minha formação escolar. Da história especificamente eu me lembro que comecei a me interessar mais talvez no final do ensino fundamental, porque o que eu me lembro era a facilidade que eu tinha pra estudar pras provas de história, em relação às outras disciplinas. Eu percebi (que) basta ler, ler e entender. Eu acho que não foi só isso, a questão da facilidade, tem haver também com uma certa disposição minha ou interesse maior pela história, que talvez eu não tivesse consciência. E no geral, as ciências humanas me interessava mais do que as outras matérias, a parte da geografia humana.

Infelizmente a gente não tinha filosofia, não tinha sociologia, mas eu lembro também que esse meu interesse era na área de humanas. Eu também já tava começando um interesse por música, por cinema, meus interesses parece que caminhavam mais pra ciências humanas mesmo. Terminado o terceiro ano eu fiz o vestibular, na época eu não sabia ao certo o que queria fazer, então mesmo que tivesse esse pendor pra ciências humanas, mas originalmente eu acho mesmo que Boa parte do terceiro ano eu não tava muito certo do que iria fazer, eu lembro que tinha interesse por comunicação social, muito em função da música e do cinema, eu gostava muito de consumir essas revistas de música e de cinema, principalmente as críticas (risos), então eu tinha talvez essa ideia de tentar ser crítico de música e de cinema, que foi uma coisa que acabou de alguma forma, acabei realizando, tanto fazendo mesmo



críticas pra jornal aqui em fortaleza durante dois anos e meus estudos de cinema, não deixa de ser outra forma de você também fazer esse trabalho mais analítico, da produção filmica.

Mas eu acho que eu tinha ideia de fazer comunicação, mas a pressão familiar, meu pai não teve, como eu falei pra vocês, foi migrante, começou a trabalhar muito cedo, chegou começou a faculdade, mas também quando já tava maduro, minha mãe também só foi terminar o ensino médio, depois já madura, nesses cursos mais rápidos. Então, acreditavam muito na educação como uma possibilidade de ascensão social e mesmo profissional, então acho que por pressão, principalmente do meu pai, eu acabei fazendo direito, que parecia ser uma área que tinha um pouco mais haver com as humanas, das áreas que não eram propriamente das humanas, mas que tinham mais haver e que eram áreas que tinham um mercado atrativo, ou seja, que profissionalmente era mais interessantes, pensando no mercado.

E eu tinha um tio também, que já maduro fez direito e depois conseguiu ter uma vida material mais estável, que eu acho que também me inspirou. Só que eu consegui passar no vestibular pra direito na UFC, com muitas dificuldades (risos), fui um dos últimos, mas consegui entrar, mas não consegui me identificar com o curso ainda que no primeiro semestre as disciplinas fossem mais genéricas. Eu lembro que a gente estudava um pouco de antropologia jurídica, sociologia jurídica, mesmo introdução ao estudo de direito, mas eu já sabia que a grade, pro segundo semestre em diante ia ficar bem específica e eu achei que era uma coisa muito técnica.

E o próprio ambiente da faculdade é um ambiente mais formal, e eu era um jovem que na adolescência eu tive uns episódios de rebeldia (risos) e não me conformava com aquele ambiente, até as formas de se vestir, ou seja, não me sentia adequado. Tava também passando por problemas familiares, questões econômicas e tudo isso acabou trazendo muita instabilidade pra essa minha vida no curso de direito. Acho que cheguei a ficar um ano e meio no curso, começava, trancava, voltava, até que acabei desistindo mesmo e aí voltei, fui fazer cursinho, isso eu tô falando mais ou menos de 93, 94, por aí. E a ideia era de fazer comunicação também, de novo, aquele velho sonho de me tornar crítico de cinema ou de música, só que um colega, já perto pra inscrição do vestibular, ele teve o cuidado de ir nas sedes dos cursos da UFC e pedir a ementas, as grades e ele gentilmente trouxe a grade pra



mim de comunicação. Então aconteceu algo muito parecido com direito, eu vi que Boa parte das disciplinas de comunicação, eram disciplinas mais técnicas, de entrevistas, fotografias e eu falei "não, não é isso que eu quero", e ele tinha trazido a de história, não sei se é porque ele tinha algum interesse, só sei que ele acabou fazendo sociologia, cheguei a encontrar depois ele, a gente estudou história de UFC, fazia algumas disciplinas de sociologia, eu cheguei a ver ele, mas não sei se ele terminou o curso.

Mas ele gentilmente trouxe pra mim a grade da história, aí eu falei "é isso que eu quero", porque é justamente esse conhecimento mais aberto, mais vasto, vi também que ia estudar filosofia, sociologia, antropologia, então foi uma coisa até meio irresponsável minha, eu pensei mais na coisa do estudo do que propriamente no futuro profissional, porque não tinha como horizonte o magistério, eu sempre fui uma pessoa mais tímida, mais retraída, nunca fui de falar muito, então a gente sabe que o professor acaba muitas vezes centralizando a atenção, sendo o foco da atenção, então foi uma decisão meio irresponsável mesmo, essa de escolher um curso de licenciatura.

Passei no vestibular, eu lembro que tinha feito pra UFC e UECE, acabei entrando na UFC, aí na UFC, esses problemas familiares e materiais também acabaram atrapalhando um pouco, eu me vi obrigado a largar o curso, já no primeiro semestre pra trabalhar e depois voltei, só que aqui eu já tô falando mais ou menos de 96, talvez 97, por aí, que eu consegui retomar o curso e terminei em 2000. Terminei, era o bacharelado, aliás, era licenciatura, poucos alunos na época fazia o bacharelado, eu também já tava me engajando um pouco no magistério, tinha já trabalho como professor particular, tinha já trabalhado como professor substituto numa escola pública lá em messejana.

Tinha também já tido uma experiência com a educação com adultos, na empresa Guanabara, era um projeto que a UFC tinha de estágio, que um colega me informou e foi uma das melhores experiências que eu tive no ensino, porque eu vi o valor que aqueles trabalhadores, que não tinham tido oportunidades de estudar, dava à educação. Lembro que eram aulas logo no início da manhã, antes deles entrarem pro trabalho, era coisa de seis e meia às oito horas e foi uma experiência muito positiva, mas mesmo assim eu não tinha muita condição ao magistério, ainda tava muito inseguro, mesmo já tendo terminado o curso e ingressando no magistério. Mas a coordenadora da época, do curso de História, professora



Ivone Cordeiro, ela me informou, que me deu essa possibilidade de continuar no bacharelado, fazendo algumas disciplinas de pesquisa. Como eu tava nesse limbo eu acabei cursando as disciplinas de pesquisa, acho que foi mais ou menos um ano e meio de disciplinas até eu fazer a monografia.

E isso pra mim foi muito importante, porque eu não tinha tido anteriormente, experiências de pesquisa, eu não tinha sido bolsista, petiano ou mesmo bolsa de iniciação científica, então pra mim foi muito boa a experiência, porque ao longo do curso a gente faz pesquisas, mas são pesquisas de cunho mais bibliográficos, apresentar textos, seminários e essa de fato foi uma pesquisa, essa que a gente efetivamente faz mesmo na pós-graduação e na vida de pesquisador. E aí eu acabei fazendo essa monografia, o meu orientador na época me estimulou a tentar o mestrado, tinha aberto o mestrado na UFC, acho que em 2000, e abriu uma terceira turma de 2002 e eu tava terminando a monografia e ele falou "porque você não faz o mestrado?", aí eu fiz o projeto e passei, então a pesquisa acabou aparecendo na minha vida nesse momento que eu tava sem saber mais ou menos o que fazer.

E de fato foi quando eu pude... não vou dizer ter uma primeira experiência como pesquisador, porque a monografia de alguma forma eu tive um bom tempo pra fazer, diferente de vocês que terminam o curso ali de prática I e II e tem que fazer a monografia junto com estágio, com outras disciplinas, eu não, eu tava fazendo só essas disciplinas de pesquisa e pesquisando, escrevendo. Então de alguma forma isso me ajudou bastante na hora de fazer a dissertação, porque tira aquele medo. E foi interessante porque eu entrei no mestrado e já no mestrado defendi a monografia, interessante, acho que já no primeiro semestre do mestrado. Mas aí foi que a pesquisa de fato se mostrou uma possibilidade, porque eu consegui bolsa também, então essa questão material já ficou mais tranquila e foi assim. Eu pesquisei no mestrado o cinema, porque mesmo na licenciatura, mesmo a gente não sendo obrigado a fazer a monografia, a gente tinha as disciplinas de pesquisa, métodos e testes de pesquisas I e II, não lembro se com esses nomes.

E lá a gente tinha que fazer um projeto e na época do projeto o que me interessava? Eu nunca tive interesse em pesquisar documentação de arquivos, hoje com a Internet a gente vê que mesmo esse tipo de pesquisa, já é bem diferente do que se fazia na época, mesmo os jornais hoje você tem acesso. O que me interessava efetivamente eram coisas que faziam



parte da minha vida, hobby, principalmente cinema. E aí a professora na época, Terezinha, ela me apoiou e me estimulou e já tinha essa discussão, se colocando de se trabalhar o filme como fonte ou objeto da história e eu falei "então é por aqui", se dá pra mim transformar esse Hobby, essa experiência em objeto de pesquisa, então foi daí que eu escolhi trabalhar um filme do Glauber Rocha, no início eu queria trabalhar outros cineastas, o Godard, o neorrealismo, mas ela teve muito bom senso em dizer "não, porque você não estuda esse tipo de cinematografia mais de vanguarda, de autoral no Brasil?", e o cinema novo se colocou como o mais próximo desses novos cinemas que eu gostava, europeus no segundo pós guerra.

Eu pesquisei um filme do Glauber Rocha chamado O dragão da maldade contra o Santo guerreiro, de 1969 e eu não sabia ao certo como problematizar, tinha bastante fortuna crítica a respeito, muitos livros publicados sobre o cinema novo, mas um colega, professor Manuel Carlos, hoje professor da FECLESC, meu companheiro lá na FECLESC, na época ele tava fazendo mestrado e tava trabalhando campo e cidade na literatura cearense, a literatura do final do (século) dezenove, literatura romântica e na literatura naturalista e ele perguntou "porque você não explora isso nos filmes do Glauber?", porque era uma coisa muito marcada também, sobre centro, campo e cidade.

Foi aí que eu falei "pronto, é isso" e fiz a monografia e no mestrado o projeto era de ampliar para outros filmes de outros cineastas, mas no curso do mestrado eu acabei mudando a problematização, porque uma das coisas que me incomodavam era que eu particularmente, mas também outros historiadores mais maduros, às vezes não encarava a narrativa e estilo do filme e a gente ficava muito preso a um tipo de análise ou mais contextual ou mesmo de ficar preso aos diálogos do filme, como se você tomasse um filme como se fosse um texto. Eu lembro que quando comecei a pesquisar cinema, ainda com fitas VHS, não tinha uma legenda, o som do cinema brasileiro não era muito bom e essa coisa de ficar copiando diálogo, a gente parece que se sentia mais seguro em analisar o diálogo, ou seja, não conhecer mesmo a forma do filme, a narrativa, então isso me incomodava porque eu sempre ficava com a sensação de que eu tava fazendo leituras, mas que eram muito subjetivas, não eram muito sólidas, muito impressionistas.



E no mestrado, a gente teve oportunidade de fazer disciplinas em outros programas da UFC, e eu encontrei uma disciplina de análise de imagens, o professor era especialista em estudar o marketing político e aí isso me deu mais segurança pra explorar a própria forma do filme e eu acabei mudando o foco pra estudar o gênero cinematográfico, procurando entender o mesmo filme, acabei ficando com o mesmo filme que estudei na monografia, mas agora estudando a partir dessa forma, como esse filme se apropria de gêneros cinematográficos já existentes, tanto dos gêneros clássicos, gênero de filme de horror, ao gênero do faroeste, que era o gênero do qual Glauber Rocha era o diretor que eu mais gostava e também esses novos cinemas da Europa e aí eu entrei mais nessa discussão da linguagem, então eu acabei enveredando por isso. Então foi basicamente esse o meu mestrado.

Terminado o mestrado eu fiz logo concurso pra professor substituto na UECE e na UFC, na UFC eu fui mais bem colocado, acabei ficando um tempo como substituto na UFC, depois fui chamado pra UECE, enquanto isso fiquei fazendo projetos pra doutorado, tentando, tentei duas vezes e não consegui, na terceira em 2006, eu consegui passar na PUC em São Paulo e na Sociologia da UFC, porque na época não havia doutorado em história aqui e acabei indo pra São Paulo, mas foi justamente no ano que a PUC entrou num problema sério, que ela tava com graves problemas econômicos e com banco, problemas judicial e as aulas foram adiadas e eu achei que ia conseguir não só pra não pagar, mas também a bolsa pra financiar, como alguns colegas que tinham ido pra PUC geralmente eles conseguiam as duas bolsas, uma pra não pagar, a universidade privada e outra pra financiar a pesquisa e eu só consegui a pra não pagar.

E eu fiquei naquela insegurança e acabei voltando e fazendo doutorado em sociologia, aí no doutorado eu já estudei outro filme do Glauber Rocha, um filme anterior chamado Terra em transe, que foi feito ali logo após o golpe militar de 64 e nessa pesquisa eu pude, já me sentindo mais seguro, explorar mais a forma do filme, a narrativa, pude também sair mais do filme e explorar mais o contexto de produção e recepção, porque tem também essa discussão no campo do cinema, de cinema e história, que você pode estudar o fato fílmico ou o fato cinematográfico, o fato cinematográfico envolve tudo isso. E aí eu pude também fazer esse trabalho de ver a recepção do filme, a época, a recepção posterior,



mesmo reconstruir um pouco o processo de produção do filme, então acho que foi um trabalho um pouco mais sólido.

E o que me interessou mais no doutorado foi pensar essa ideia da revolução brasileira, a ideologia da revolução brasileira, que vocês sabem, era muito presente antes de 64, havia várias concepção de revolução brasileira, no seio mesmo dos grupos comunistas e a ideia foi de pensar o filme do Glauber Rocha e outros filmes do cinema novo a partir dessa ideia como se fossem narrativas audiovisuais da ou sobre a revolução brasileira. Então, foi de tomar mesmo esses artistas e também militantes, então essa relação entre estética e política também se discute bastante, porque vocês sabem (que) o cinema novo foi muito politizado, muito social, político, então eu explorei essas coisas, essa ideia de revolução. Quando eu tava terminando o doutorado, terminando não, quando tava acho que no segundo ano do doutorado, abriu um concurso da UECE com vaga lá em Quixadá, na FECLESC e a exigência mínima de titulação era o mestrado, então eu pude fazer, porque mesmo estando no doutorado, fui aprovado, mas fiquei em terceiro lugar, então eu não sabia se ia ser chamado, porque era uma única vaga.

Em 2009, quando eu tava terminando o doutorado fui chamado, então eu assumi como professor da FECLESC, em Quixadá, em 2009, em 2010 defendi a tese e ai desde então eu venho até 2017, 2018 eu tava quase que anualmente ou bianualmente, fazendo pesquisas de iniciação científica com os alunos, quase sempre tomando o cinema como fonte ou objeto. Eu montei um grupo de estudos também na FECLESC, isso inspirado pelo professor Autemar, na época o coordenador falou "porque você não monta um grupo?", então eu montei e nesse grupo a gente envolvia pesquisas sobre cinema e história até 2015 mais ou menos. Cheguei também a montar um projeto de extensão que durou um ano, trabalhando essa questão de estimular os professores da educação básica em Quixadá do ensino médio a usar o filme como suporte didático.

Mas tava difícil dar conta, iniciação, eu tinha também monitoria e tava mais difícil acompanhar a extensão e acabei não me submetendo a novos editais de extensão, mas como professor efetivo eu tive mais liberdade, porque a gente sabe, vocês vão passar por isso daqui a pouco, quando forem fazer mestrado e doutorado, essa coisa de ter que adequar bastante o projeto aquela linha, aquele programa, então como professor efetivo eu me senti mais livre



nesse sentido de escolher temáticas sem obrigatoriamente estar ligado a uma linha específica, porque os editais de extensão são bem abertos, desde então eu venho trabalhando. Eu parei a partir de 2017, eu sai pra fazer o pós-doutorado e continuei trabalhando com o cinema, mas na volta eu acabei dando uma parada e fiz um projeto pra estudar a psico história, essa relação da psicanálise com a história, foi um projeto de três anos estudando a obra do Peter Gray, historiador alemão, americano e de 2023 pra cá eu venho desenvolvendo outro projeto, agora retomando aquela minha experiência de ouvinte, de consumidor de rock na adolescência, to estudando agora um rock alternativo, no contexto do grunge, vocês são muitos jovens, mas devem ter ouvido falar daquela geração de Seattle, o nirvana, alice in Chains, Soundgarden.

Eu to estudando músicos que não se tornou tão popular, mas que era uma banda que teve relativo sucesso chamado Screaming Trees, eu e três bolsistas estamos estudando a obra desse artista que depois fez carreira solo e morreu em 2022 e a gente tá estudando um pouco o que é ser um roqueiro alternativo, porque além das músicas, uma profissão bastante prolífica, ele também no final da vida escreveu dois livros de memória e também tava publicando um livro de poesias, então a ideia é a gente capturar um pouco qual a filosofia desse artistas, então nos últimos anos me afastei um pouco do cinema, mas continuo orientando pesquisas de alunos de iniciação, eu fiquei também uns anos no mestrado que a gente tem na FECLESC, uniu o mestrado de história e letras, eu fiquei do início de 2016 até acho que 2023 e lá também orientei dois trabalhos na área do cinema, então a minha relação hoje com o cinema é na orientação do que na produção original e de pesquisa propriamente dita. Então, largas tintas (risos), essa é mais ou menos a minha trajetória, como pesquisador, meu vínculo com a história, no campo da pesquisa.

FRRM- *No período de sua infância/adolescência você já cultivava o hábito da leitura?*

SCC - Como eu falei para vocês, meu pai, apesar de ter tido dificuldade de ter terminado a educação básica, mas ele acreditava muito na educação, então ele sempre teve muita preocupação em se sacrificar mesmo, para que a gente estudasse nas melhores escolas e tal. Meu pai não era propriamente consumidor de livros, a gente não tinha biblioteca em



casa, mas ele, às vezes, assinava jornais ou revistas, e isso sempre me atraiu muito. Essa coisa do jornal diário, revistas ou de variedades.

Depois eu mesmo comecei a comprar revistas de música, uma revista Bizz, revista de cinema, uma revista Sete. A Editora Abril tinha revistas para vários públicos diferentes. Então minha experiência como leitor, era mais essa experiência de leitor de jornal e de revista. E livro, a gente lia aqueles livros que a escola às vezes recomendava, as professoras de língua portuguesa, mas também não era um consumidor de livros, não. Era uma leitura mais mesmo da imprensa. Agora, quando eu lembro, quando eu entrei já na faculdade de Direito, aí eu já tinha acesso à biblioteca, não só à biblioteca do curso de Direito, mas à biblioteca do Centro de Humanidades da UFC. E aí eu lembro que comecei.

A gente sabe também que jovem tem dinheiro, e você tem um acervo de várias bibliotecas à sua mão, então eu lembro que comecei a consumir mais literatura, até dramaturgia mesmo, as peças de Shakespeare. Mas o meu universo de leitura era mais da imprensa mesmo. Então essa coisa do livro mesmo começou a se impor para mim já na graduação de História, porque a gente sabia que as bibliotecas geralmente, não sei agora, mas tinham um acervo defasado. Então, quando a gente tinha oportunidade, a gente comprava o livro. Era assim, um rato de biblioteca. Usava demais a Biblioteca de Humanidades, que era perto do curso. Então comecei a ler bastante mesmo, foi na graduação, no curso de História, já na segunda metade dos anos 90. E já comecei a comprar livros, uma biblioteca pequena.

Aí no mestrado, de fato, eu já tinha a bolsa, aí começou a crescer a minha biblioteca particular. O doutorado foi aumentando. Com a docência, então, vocês não sei se já ensinam, mas a gente que é docente, aquela coisa de você ter que estar atualizado, ter que estar informando os alunos da bibliografia que está saindo, sobre aquele tema, aí você começa a consumir muito livro. Então a biblioteca do professor tende a aumentar bastante. Então foi assim, não fui daqueles meninos muito estudiosos, não, foi uma experiência quase já um jovem adulto, porque eu já tinha coisa de 20 anos, 21, 22 anos, eu comecei mesmo a ler sistematicamente, se tornar um hábito assim, não tem enraizada a minha vida.



GSX - *Quando adolescente/jovem você participou de algum movimento comunitário de caráter religioso e/ou político-social?*

SCC - Não, isso é interessante, porque eu vejo muitos colegas, de uma geração mais antiga que a minha, ou mesmo da minha geração, que acabaram na história, muitas vezes, pela militância, ou a militância política, ou a militância na igreja, a igreja mais progressista. Então assim, não foi a minha experiência. Eu era um jovem, apesar das dificuldades, que a minha família passou em alguns momentos, mas eu era um jovem de classe média. Quando eu nasci, meus pais estavam ainda começando a vida, mas quando estava já ali na pré-adolescência, meu pai já tinha um bom emprego, então eu circulava em um universo mais de classe média, no que ela implica de bom e de ruim também, também de uma certa alienação.

Então eu acabei, apesar de ter passado por alguns apegos, de ter que largar a faculdade, trabalhar, mas o meu background era um background, como vocês estão vendo aí, da música, do cinema, não tive essa militância. Mesmo na faculdade eu via alguns colegas participarem, mas nunca foi uma coisa com a qual eu me envolvi diretamente. E a religião, apesar de ser católico, ter sido batizado, fiz a primeira comunhão, fiz o catecismo, mas a minha família não era praticante, então a gente não tinha uma vida religiosa propriamente dita, então a religião me interessa muito como objeto de estudos, mas a minha experiência na militância política e religiosa praticamente nula.

Eu me interessava muito como leitor, mas a minha vivência não é, e eu acho que isso acaba impactando na minha própria ação como professor e também como pesquisador, para o bem e para o mal também. Então eu sou daquele tipo, os estudantes às vezes brincam, eles usam o termo técnico, eu acho que para falar do professor que é mais objetivo, que se coloca menos, coloca menos uma posição, procura mostrar as várias visões, às vezes eles brincam. Eu acho que esse perfil tem a ver justamente com essa minha falta mesmo de vivência na militância.

SMS - *Antes de ingressar no curso de História, você viveu alguma experiência de trabalho remunerado?*



SCC - É uma coisa que me toca muito, que geralmente quando a gente fala disso, a gente remete a famílias que vem de um background, mas de família de trabalhadores e operários, não de uma família de classe média, como eu, mas meu pai tinha dificuldade de gerir o que ele ganhava, então eram as próprias contingências do Brasil. O Brasil até antes da estabilização da inflação, então você às vezes momentos de desemprego, de crise, eu acho que isso acabava afetando também, apesar do meu pai ser um profissional requisitado, ser uma pessoa muito respeitada na área dele, então acontecia as vezes de ficar sem trabalho, ou ele mesmo, aquele sonho de quem é empregado a vida toda tem de montar próprio negócio, às vezes se aventurava pra montar, ter o próprio negócio, mas ele não tinha muito tino comercial e então isso acabava trazendo alguns problemas pra nossa estabilidade material.

E as experiências que eu tive eram mais ligadas ao comércio, à minha mãe, a família da minha mãe era muito ligada ao comércio. Minha vó tinha uma barzinho no interior e depois foi pra São Paulo, começou no barzinho e depois abriu um restaurante, então geralmente nesses momentos minha mãe era dona de casa, mas se via obrigada de conseguir algum tipo de rendimento econômico, então geralmente ela ia pra área do comércio. Então ou abria um barzinho, outra coisa que ela fazia também era vender comida, minha mãe sempre foi muito talentosa, boa cozinheira, então marmitaria, fazia marmitas em casa pra vender e aí como eu já tava maior de idade, dirigia, fazia as entregas, ajudava a fechar as marmitas, ajudava ela com as compras, então trabalhei dando esse apoio pra minha mãe, na época ainda morava com os meus pais, então geralmente eram coisas assim, relacionadas ao comércio, esse tipo de atividade.

Hoje inclusive eu penso como, pelo menos parte dessa época eu já era um, podemos dizer assim, bom estudante, já lia com frequência, eu podia talvez me ajudado e ajudado mais a minha família se eu tivesse me aventurado mais na docência, como outros colegas fizeram, então acho que eu acabei de alguma forma, pela insegurança, ou até por falta mesmo de ambição ou perspectiva, talvez eu pudesse ter investido no magistério mais cedo, então geralmente foram experiências nesse molde.

Agora, antes também, essa coisa da época né, minha mãe, como boa parte das donas de casa, ela sentia essa necessidade de ir além, ter mais independência, inclusive econômica.



Então minha mãe tinha isso, às vezes sei lá, eu lembro isso desde criança, ela comprava as vezes bombom e vendia em casa, meus amigos iam lá pra comprar bombom e chocolate, às vezes ela vendia dindin. Então, não é nem porque ela precisasse para subsistência, mas talvez pra ela ter uma renda própria dela. Eu lembro uma época que ela comprou um carrinho de churros, acho que sempre teve uma certa independência. Eu lembro uma época que também, logo quando a gente veio pra Fortaleza, 86 pra 87, que ela fazia, hoje é conhecido, kibe, aquele tipo um salgado de trigo e aveia, ela fazia e a gente ia vender lá na beira-mar, na época a gente morava ali perto.

Na época meu pai até as vezes ficava com raiva, acho que ele sentia assim "olha, como se eu não fosse um pai provedor, não tivesse garantindo o sustento da minha família", mas não era, pra minha mãe era pra ter uma renda própria e pra mim eu achava ótimo, que ela me pagava e eu tinha dinheiro pra comprar revista... As vezes não sabia nem o que fazer com o dinheiro, criança né, não tinha que pagar nenhuma despesa. Então assim, essa vida de trabalhador minha é muito diferente das pessoas que vem de fato de família pobre, que a criança se torna mesmo um arrimo da casa desde muito cedo, durante muito tempo, então foram experiências mais erráticas.

Agora, não foi uma coisa constante, então a gente vivia assim, tinham épocas boas e outras ruins, vivia essa certa instabilidade, agora assim, você perguntou o significado que isso tem pra mim né, além dessas coisas que eu falei, eu acho que uma das coisas que isso propiciou foi o contato com esse mundo fora dessa bolha de classe média, da escola particular, do grupo de amigos, de ouvir música, de ter acesso ao que é a vida né, como as pessoas vivem, quando eu to lá vendendo kibe no calçadão da beira-mar eu via todo tipo de gente, ou quando minha mãe ia entregar marmitta ou ajudar minha mãe a comprar os materiais pra preparar, então isso me aproximou da "realidade". Então acho que isso foi muito importante, se eu não tivesse tido essas experiências, talvez eu ia sofrer mais dessa alienação no sentido de romantizar ou idealizar outros tipos de vida ou mesmo não ter nenhuma sensibilidade social, então isso foi importante porque me trouxe mesmo "olha isso aqui, essa é a vida da maioria das pessoas", porque eu tive que me deparar com todo tipo de gente, todo tipo de situação, então eu acho que se não tivesse passado por essa experiência, talvez eu fosse ainda mais "técnico", mais formal, "alienado" do que o que eu sou.



2 Segunda parte: Trajetória profissional

FRRM - *Como foi sua trajetória no curso de história? Quais autores o/a acompanharam desde o início de sua formação? Quais autores lhe acompanham na atualidade? Como ocorreu o encontro com esses autores?*

SCC - Essa também é uma coisa que me toca muito, que é justamente essa mutação, a percepção que eu tenho, principalmente depois do doutorado, como eu fiquei estudando o mesmo personagem, desde a graduação, o Glauber Rocha, quando eu terminei o doutorado, falei que tinha mais liberdade para fazer o projeto de pesquisa que eu quisesse, sem me preocupar se o programa é do interesse do programa ou se a própria questão da seleção, que a gente sabe que é bem mais difícil se aprovar um projeto de mestrado ou doutorado que um projeto de iniciação científica.

Assim, meio que me libertei e comecei mudando, trabalhando, tanto na área do cinema, por exemplo, eu notei como professor que os filmes que eu apreciava não eram os filmes que meus alunos apreciavam, então eu tinha dificuldade de dialogar com eles. Eu lembro quando eu cheguei na FECLESC, o ministro tem um minicurso sobre o Glauber Rocha, e eu notei que a recepção foi fria, eu não conseguia interagir muito com os alunos, então eu me vi meio que obrigado a desenvolver, quando eu estava desenvolvendo esses projetos, ou mesmo executando, a consultar mais os alunos. O que vocês querem precisar? Indique um filme, a partir desse recorte aqui, dessa problemática de pesquisa, dessa questão, que filmes a gente pode explorar? E aí eu comecei a trabalhar mais com os chamados filmes comerciais, o cinema mais industrial, americano, então para mim também foi uma experiência nesse sentido de abertura.

Então comecei a diversificar também os objetos de análise dentro do cinema e mesmo fora do cinema. E aí de alguma forma eu fui retomando aqueles temas que me interessavam na adolescência. O cinema, já pesquisava, a música agora, a psicanálise já um pouco depois, como criança eu não tinha conhecimento na infância, na adolescência, conhecimento muito distante do que seria isso, mas cheguei a fazer terapia quando tinha por volta dos sei lá, 25,



26 anos, cheguei a fazer dois anos de terapia, então já fiquei mais tocado por essa temática. Mais recentemente, falei para vocês, acho que em 2018, 2019, muito que ver com o que o Brasil se tornou dos anos para cá, eu acho que a psicanálise, todos fomos afetados, não só a saúde física, mas saúde mental, e a psicanálise eu acho que se mostra um grande instrumento para a gente conhecer a realidade.

E aí eu fiquei três anos estudando a psicanálise na história, claro, não tenho conhecimento nem saberia como fazer um trabalho mais profundo na área específica da psicanálise, foi mais ou menos tentar ver como o Pitegui se apropriou da psicanálise, não só do objeto da psicanálise, o inconsciente, mas também dos métodos da psicanálise, se analisar sonho e como é que ele trouxe isso para a história, se a gente pensar, porque a psicanálise você tem ali uma interlocução, são duas pessoas ali, como é que você vai fazer isso com o meio, o sujeito já morreu, com o meio de vestígios, e o Pitegui faz e me parece que faz muito bem.

Então eu acho que foi o que me trouxe para a psicanálise, foi mais o contexto que a gente estava vivendo, do doentio, e a música agora basicamente foi mesmo a retomada desse meu interesse pelo rock, vocês são jovens, mas o rock perdeu muito da sua influência, eu sou de uma época que o rock ainda mobilizava muita juventude, então a gente ouviu o rock nas rádios de FM, músicas de rock até mais pesadas, às vezes tocavam em rádios comerciais, e o rock se tornou um gênero de tiozinho como eu, eu gosto de ver às vezes no YouTube shows de rock, eu vejo a plateia e é incrível, são como eu, careca, já com 40, 50 anos, muito pouco jovens com vocês no público, então parece que é um gênero que eu acho que teve ali o seu papel, teve o seu boom ali no segundo pós-guerra, tendo muito a ver com a rebeldia juvenil, mas hoje eu acho que os jovens encontraram outros veículos para protestar, o próprio rap, o funk, a música eletrônica mesmo, e o rock, e talvez seja por isso também que eu me voltei para o rock, aquela coisa, o Certeau não fala da beleza do morto.

Então geralmente um objeto, um tema se torna historiográfico quando ele está perdendo força, quando ele está vivo, então acho que isso está acontecendo com o rock, então não sou só eu, acho que estou fazendo esse movimento de estudar o rock, acho que esse campo tem que se desenvolver na medida em que ele vai perdendo força mesmo na sociedade, mas sobre os autores, eu falei mais dos temas, então os autores, por exemplo,



quando eu fiz a monografia, a gente tinha muita força da história social, por exemplo, eu falei do professor Manel Carlos, ele foi orientando a professora Ivone, que trabalha com essa corrente, também com a história cultural, e aí quando eu fui para o cinema, eu me apoiei um pouco nesses autores, da história social brasileira, por exemplo, o Remo de Williams, que eu falei do campo cidade, também o Chartier, com a ideia de prática e representação, que sempre foi um caminho mais seguro para se fazer história cultural, e os próprios estudos na área da história, sobre cinema, e a referência é o Marco Ferrou, então assim, a bibliografia inicial era mais ou menos essa, pensando mais no campo teórico, metodológico, e aí como professor, você tem que acumular mais bagagem intelectual, mais leitura, você vai ampliando, mesmo em foco.

Então no doutorado, eu já, além dessas referências, da história cultural, da história social, eu comecei a ler mais também livros da área do cinema, de narrativa, cinematográfica, de estilo cinematográfico, e aí você tem aqueles livros, as referências, para lembrar de nome, eu estou olhando aqui para a biblioteca, os livros, os manuais, o Almon, o Metz, toda essa bibliografia, que às vezes ainda era muito próxima da análise de texto, da linguística, e que acabou fazendo esse, hoje a gente nota que esse campo de produção do cinema é mais caracterizado mesmo para analisar o audiovisual, mas durante muito tempo o tipo de análise do discurso escrito, de alguma forma ainda impactava muito a psicanálise também, em alguma medida, isso está lá no Ferro, no Ferro a gente vê também esse aporte, então isso estava presente ali também nessa literatura dos anos 60, anos 70, e a própria sociologia, porque aí eu fui para outra área, então eram autores que eu conhecia de ouvir dizer, eu tinha lido pouco, então, por exemplo, o Bourdier era muito forte na época que eu fiz o doutorado, entre 2006 e 2010, era uma referência muito grande, essa noção de campo, para pensar o campo cinematográfico, para você não estudar o filme isolado, mas pensar o filme dentro de um contexto maior, o campo cinematográfico me ajudou, o Norbert Elias, eu lembro também que a gente estudou, mais vendo a relação com o Bourdier, eu lembro na época também, eu me apropriei um pouco do Boa Aventura, que também estava sendo muito publicado no Brasil, o sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos.

No doutorado, eu me lembro, referências de estética, narrativa de cinema, a sociologia, a história, a disciplina de antropologia também, muito interessantes, válidas, um



autor, por exemplo, como o James Clifford, que é historiador de formação e que trabalha a etnografia como uma narrativa, então esses de cabeça eu me lembro desses estudos, assim que me marcaram mais, ainda que eu não tenha dialogado diretamente com o James Clifford, o Goethe, Clifford Goethe também, eu lembro que era muito estudado, na época, não sei hoje, eu tive que ler muito, eu acho que também incorporei um pouco na tese.

A literatura sobre a Revolução Brasileira, aqueles vários livros que remetem já desde os pensadores ali, os pensadores de Brasil ainda na República, a Oliveira Viana, depois o Sérgio Buarque, Caio Prado, o Gilberto Freire, depois o pessoal do Izebe, o pessoal mais ligado ao Partido Comunista, o Nelson Venezes Sodré, então eu tive que também de alguma forma me apropriar dessa literatura sobre a Revolução Brasileira, e a que seguiu depois, depois do Golpe de 64, as revisões e tal, que eu me lembro de cabeça, a filosofia também me ajudou muito, porque o que eu notava? Que no campo da história ou no campo da sociologia, as leituras sobre a Revolução Brasileira, às vezes eram muito ainda militantes, você não tinha um certo distanciamento, às vezes o próprio sujeito que estava escrevendo, ele tinha participado dos eventos, ou tinha alguma relação muito próxima, e aí eu descobri na filosofia autores que estavam discutindo a própria ideia de revolução, onde é que surgiu essa ideia, que você pode virar um monte de cabeça para baixo, falando do Christopher Hill, mudar a estrutura social, econômica, cultural de uma hora para outra, onde é que vem isso?

Então, a filosofia me ajudou também, autores que tinham, ou faziam isso de forma mais, como se diz, mais objetiva, ou às vezes até de uma forma militante, autores contrarrevolucionários mesmo, como o filósofo Chorin, que é muito pessimista, e também me ajudou essa literatura, que é uma literatura que muitas vezes remete a autores ali do leste europeu, que viveram na pele o peso do estalinismo, e que tem uma visão muito crítica da revolução, mas a gente sabe que isso acabou se difundindo também na literatura, por exemplo, sobre a Revolução Francesa, ou sobre outras revoluções, não só as comunistas, então esses autores também me ajudaram a entender melhor o que é isso, onde é que vem essa ideia de revolução, inclusive a base religiosa que isso tem, essas narrativas revolucionárias às vezes têm estruturas e funcionam muito parecido com as narrativas religiosas, essa coisa de um apocalipse, essa coisa de um paraíso na origem, que foi de alguma forma corrompido, ou pela propriedade privada, ou por alguma coisa, essa ideia



precisa de uma vanguarda, que vai, de alguma forma, difundir essa utopia, então eu entrei também nessa discussão da filosofia. Kolakowski, aquele polonês, que tem um embate com Thompson, tem um livro chamado Espírito Revolucionário, no Brasil, José Maria Pena, tem um livro chamado Espírito das Revoluções, então esses autores também me ajudaram a não ficar preso no discurso das fontes, que eu acho que é uma coisa que aconteceu comigo na graduação e no mestrado.

Eu me sentia às vezes como se fosse um ventrílogo do Glauber Rocha, como se eu tivesse, de alguma forma, mostrando que o Glauber Rocha estava certo e muito preso ainda na visão que o Glauber tinha de Brasil, do cinema, então isso ajudou a me libertar um pouco, ver um pouco de fora isso. Então, assim, eu me lembro as referências no doutorado e depois eu acho que continuei esse processo, continuando lendo sobre estética, narrativa do cinema, continuei me apoiando na filosofia, fiz outros projetos também, fui me aproximando cada vez mais da filosofia, fiz um projeto chamado Cinema e Virtude, que pensava o cinema como possibilidade de educação, suporte à educação, moral.

Eu lembro que a gente discutiu com o André Contes Ponville, que tem um livro sobre esse assunto, sobre as virtudes, a gente trabalhou também muito com a educação histórica, autores como o Hilsen, que trabalha essa coisa da consciência moral, a consciência histórica, no cinema, no campo da filosofia, o Rousseau Kahn, que também é filósofo, a gente fez aquela ideia de imaginação idílica, imaginação moral, que pode ser imaginação idílica, utópica, pode ser imaginação diabólica, imaginação, esqueci a tipologia dele, então a filosofia se tornou também central nas minhas pesquisas, foi um gosto que eu acho que foi se aguçando.

A religião, eu falei também, meu projeto pós-doutorado foi pensando o sagrado no cinema, no cinema do Dennis Malick, um diretor americano, e aí eu dialoguei com Michel Iade, com Eugênio Webb, o Rudolf Otto, um teólogo que tem um livro chamado Sagrado, então a religião também é outro campo que foi tomando força nos meus interesses de pesquisa. E atualmente, com a coisa do rock, aprofundando a historiografia do rock, a sociologia também, a antropologia, os estudos de comunicação, a gente está encontrando bastante coisa, a literatura aí já consolidada nesse campo, ainda que a gente esteja estudando o momento, que é dos virados dos anos 80 para o 90, que às vezes você não tem tanta coisa



traduzida, isso dá um trabalho danado para a gente, mas sobre o rock em geral você tem uma literatura grande, os anos 50, 60, o bom ali você tem, então a gente está se debruçando sobre isso.

E aí também com a filosofia, a gente está se inspirando em um filósofo francês chamado Pierre Hadot, que é um filósofo, ele estudou filosofia clássica e é muito interessante a perspectiva dele porque ele estuda a filosofia, não como um discurso más, como modo de vida. Então ele defende essa tese de que a filosofia antiga, ela antes de ser um discurso, um instrumento, ela era um modo de vida. Então, sei lá, os céticos viviam como céticos. Os epicuristas viviam como epicuristas, Aristotélicos viviam como Aristotélicos. Ele diz que isso acabou se perdendo na Idade Média, afinal da Idade Média, né, quando surge a Universidade, a igreja aí separa a teologia da filosofia.

A filosofia aí sim se torna um instrumento, né, a serviço de Deus, e aí na Modernidade a filosofia acaba se tornando um discurso. Aí é a coisa mais da razão do discurso. E ele quer retomar, né, quer retomar esse modelo de filosofia da Antiguidade, e ele encontra também no mundo moderno, na contemporaneidade, filósofos que de alguma forma reproduzem esse ideal original da filosofia. Aí, por exemplo, estudos sobre o Nietzsche, o Wittgenstein, né, já no século XX, ou mesmo artistas, também ele cita artistas como Goethe, escritores, foi aí que a gente entrou com Mark Lennigan, porque a gente falou, poxa, se ele está dizendo que tem artistas, inclusive artistas de vanguarda, que às vezes retomam esse ideal de filosofia, por que não a gente, né, não sei se a gente está, demos um salto muito alto, mas é mais ou menos isso. Então, assim, a filosofia se tornou central.

Para mim, até, às vezes, mais do que a história, às vezes, os referenciais conceituais, as matrizes teóricas da história para pensar, para enquadrar, né, a realidade. A filosofia se tornou central também. E isso ocorreu de tal forma que as vezes eu me cobro em voltar para a história, porque o que acontece, eu oriento estudantes de iniciação, né, que também fazem monografias e tal. Então, às vezes, eles têm que fazer projetos e tal, e às vezes eles professor mais a história, aí gente tem que, às vezes trazer autores da história porque, de princípio, parece que eu sempre quero partir da filosofia, e aí a gente sabe que você precisa, um curso de história, então você tem que ter preocupações também que são próprias de um historiador,



Então é isso, por isso que talvez eu tenha falado mais da filosofia do que da história, como referencial teórico.

FRRM - *De onde vem essa disponibilidade tão grande para o diálogo, assim, com algo que não está, talvez, na ordem do dia?*

SCC - Eu acho que uma das explicações é o fato de eu não vir de um extrato social mais desfavorecido, então, talvez, não tenha tanta experiência com a carência, com a miséria do que é viver na periferia, no subúrbio, todas as dificuldades que surgem, tive a oportunidade de cursar escolas privadas. Acho que é um pouco isso, a própria vivência, de ser alguém que tem um background mais de classe média, por isso que eu falei que é por bem e por mal. Por mal, porque você perde muito, talvez você se torne muito, como os alunos falam, técnico. Mas, por outro lado, também você fica menos preso a ideologias.

A visão de mundo já cristalizadas, consolidadas. Então, outra coisa que eu acho, tem que ver com temperamento, e aí eu acho que não é virtude. Quem você é? Então, eu acho que o meu temperamento, a minha disposição de espírito, como eu falei para vocês, é de alguém que gosta mais de ouvir do que de falar, que gosta de coisas diferentes, que aprecia muito, as coisas diferentes. Por exemplo, eu gosto da diversidade. Mas, eu acho que não é coisa... Ah, porque eu sou virtuoso, porque eu... Não, eu acho que é de espírito de temperamento. Então, eu acho que isso também. Uma certa abertura, uma certa flexibilidade, uma liabilidade que eu acho que é do próprio temperamento.

Outra coisa, eu acho que é a própria experiência que eu tive como estudante. Então, nas ciências humanas, para a gente, parece que fica mais perceptível essa distância do discurso da prática. Então, eu identificava, nos colegas que se colocavam como revolucionários, como eu viam que eram práticas que passavam longe. Então, eu acho que tem muito disso também, dessa expectativa frustrada. Por isso que eu falei do Radô, por isso que eu acho que o Radô é importante para mim. Essa coisa de você vincular o discurso com a prática, eu vi muitas contradições, nos colegas, na universidade. Porque era justamente isso, essa distância. O sujeito quer salvar o mundo, ele não consegue ajudar a pequena pessoa que está do lado ou, às vezes, age como o pior, age como capitalista.



Então, o que é isso? Então, eu acho que tem muito a ver com isso também, um certo ceticismo, uma certa desesperança, Muita a partir do comportamento que eu via essa distância, do comportamento e da prática. Mas eu acho que essa experiência aqui eu consegui perceber isso justamente porque eu não tinha esse histórico de militância, eu vinha de fora, então, para mim, talvez fosse mais perceptível isso, ou para eles mesmos fosse um problema, porque a gente sabe que isso, de alguma forma, também era teorizado e era pensado essa ideia de que, olha, a moral só se coloca depois do comunismo, Discussão moral é coisa da burguesia, Para a Revolução, qualquer coisa vale, qualquer instrumento vale.

Depois que a Revolução ocorrer, nunca acreditei nisso, e isso eu acho que pegou. E outra coisa também que me marcou, você falou de uma certa... Uma certa hegemonia, de um pensamento, isso me incomodava, porque há um certo fechamento da bibliografia, dos autores e isso me incomodava também pela minha personalidade. Então, na medida que eu fui descobrindo que existiam outros autores, que existiam outras ideias, então, isso me permitiu, de alguma forma, não ficar tão preso a essa... Que eu acho que ainda é um problema. É um problema menor, mas ainda é um problema, que essa coisa na história especificamente, A gente deve muito da referência francesa, E, por exemplo, a historiografia anglo-saxã, que é mais liberal, a gente praticamente não consome, A historiografia alemã tem chegado com força nos últimos anos, então, assim, eu acho que está se abrindo um pouco o horizonte.

Mas eu acho que é uma questão que se coloca, de você ampliar a bibliografia e não no sentido de doutrinar os alunos, de procurar fazer catecismo, mas mostrar que existem várias visões. Então, isso me toca muito. Porque aí eu lembro do professor na sociologia, eu tive grandes professores na sociologia. Essas disciplinas que a gente fazia, obrigatórias, optativas, no curso de História, Introdução à Antropologia, eu lembro da introdução à Ciência Política, com o professor Jadar, essa perspectiva liberal de você mostrar várias perspectivas, você pode até mostrar mais afinidade ou menos do que outra, Mas você, olha, existem essas visões. E aí você pode comentar, criticar cada visão, mas mostrar para o aluno que existe, porque senão você não sabe.

Você acha que só existe aquilo, então, isso para mim é muito importante, é muito importante. E, assim, eu não gosto dessa perspectiva de... Eu não me sinto realizado quando



eu vejo um aluno que está reproduzindo a minha forma de pensar, o meu vocabulário. Pelo contrário, eu gosto quando o aluno me desafia. Não é isso. Mas eu prezo muito pela diferença. Para mim, o magistério, talvez essa coisa do técnico, do formal, tem que ver um pouco isso também, confesso que me incomodava como aluno, e como professor, eu me polio para não catequizar aluno e não achar que o aluno tem que pensar como eu. Eu acho isso um problema.

Mas eu acho que está mudando, vocês são de uma geração já após Guerra Fria, eu peguei ainda um pouco desse carro da Guerra Fria, com a literatura ainda muito marcadamente marxista, Essa ideia de que ser professor de história é ser militante, Eu acho que vocês têm muito mais liberdade hoje, para ser o que vocês querem ser e para mim é importante que haja tudo isso também, Não estou dizendo que... Ah, então tem que ser todo mundo igual a mim. Não. Quando eu vejo os alunos falando, às vezes, comentando, sobre nós, professores eu falo, “olha, é muito importante vocês terem acesso a outros professores, porque é outra visão, é outra experiência que você vai ter”. É óbvio que a gente tem mais afinidade com um e com o outro. Mas eu acho que é importante ter um professor que é mais formal, técnico.

Ter outro que é mais alinhado com uma visão, ou de esquerda, ou mesmo de direita, ou liberal, ou de centro. Eu acho isso muito rico, os extremismos é que eu acho que realmente são perigosos, porque aí você já, de alguma forma, você já começa a, de alguma forma, a minar a própria possibilidade de diálogo, e academia sem diálogo, mas, eu acho que a gente tem que prezar muito por essa pluralidade, tem que procurar conhecer outras tradições historiográficas e aprender com os que pensam diferente da gente, porque quanto mais a gente conhece, de perspectivas, de enfoques da realidade, mais rico é a visão que a gente tem da realidade, você não fica ali dentro de uma bolha, Isso, inclusive, te enfraquece, enfraquece o seu discurso, enfraquece as suas posições.

Eu lembro que os professores sempre falavam do Marx, O Marx leu o liberal, eu lia a tudo. Então, eu acho que é isso, você tem que ter essa abertura e tem que fazer esse esforço de abrir, abrir os programas das disciplinas e a discussão com outras bibliografias. E hoje é mais fácil, antes era muito mais difícil, porque existia, de fato, um certo, uma certa... se falava em patrulha ideológica, não se podia ler Weber, não se podia ler o que era isso, o que



era aquilo. Não é por aí, não, mas eu acho que vocês hoje são muito mais... Até porque as agendas são outras, Essa questão de se tomar a classe com unidade de análise, isso, para muitos de vocês não faz mais sentido, vocês estão preocupados com questões de gênero, questões ambientais, questões, são outras agendas, é óbvio que essas agendas também, tem que ter esse cuidado, para, pelo menos, não se tornarem tão ortodoxas e inviabilizarem o diálogo e aí perderem mesmo a efetividade, mas eu acho que vocês hoje estão em um ambiente muito mais flexível, vocês têm mais liberdade de fazer o que vocês, de fato, querem fazer, tanto no sentido das escolhas teóricas, de percurso intelectual, acadêmico, como cidadão mesmo.

Eu confesso com você que eu achava, no início, quando comecei a me abrir para outras literaturas, que eu ia sofrer mais do que eu sofri, mas, assim, não, eu nunca me senti boicotado, nunca me senti... Porque tem isso também, eu estava falando de extremismo, esses grupos que racham com a universidade, é lugar de doutrinação e tal, e tal. Olha, eu confesso, eu estou na universidade há muitos anos, é óbvio que existe hegemonismo, isso também muda de época para época, mas, assim, eu nunca me senti tolido, assim, fiz mestrado, doutorado, pós-doutorado, nunca me senti perseguido por mudar, tentar ver de outras formas.

Agora, é óbvio, eu acho que a gente pode abrir ainda mais a universidade. Eu sou professor da teoria e eu fiquei, e sempre comento com os alunos a felicidade que a gente tem hoje, por exemplo, de ter acesso à historiografia alemã, que está sendo traduzida, então, o que a gente não tinha, a gente era França, França, França, França, França, então, assim, é outra coisa. Eu noto que, às vezes, eles se surpreendem mesmo, com a angústia, com a inteligência desses fundadores lá do historicismo na Alemanha, então, para mim, também, isso foi uma aprendizagem, porque a gente meio que tinha aquela visão de que os Annales tinham inventado a história e quando você recua, você vê que, olha, eles eram muito bons, essa historiografia do século XIX, obviamente. Então, eu procuro fazer isso também, na teoria, à medida possível, eu trago, tento trazer essas referências também da historiografia americana.

Tem uma autora chamada Bárbara Tatman, que eu gosto, também procuro apresentar ainda que só pelo menos pensar, para mostrar que existem outras tradições historiográficas



que somente a francesa ou mesmo a história social inglesa ou a micro história, que são populares também no Brasil.

SMS - Durante as suas formações acadêmicas, o senhor se identificou bastante com o cinema, né? Então, como o senhor entende essa relação história-cinema?

SCC - É muito amplo as possibilidades de você fazer isso, por exemplo, eu falei para vocês, quando eu comecei, como eu dominava muito pouco a própria linguagem do cinema, então, me apoiava muito no contexto social, político, meio que queria explicar o filme pelo que estava fora do filme. Depois, quando eu comecei a me sentir mais seguro para analisar o filme nele mesmo, a lógica intrínseca do filme, isso abriu mais perspectivas de análise, a própria questão da recepção, isso se estuda muito, ou seja, não é tanto a análise do filme, da produção do filme, mas como o filme foi percebido, foi visto, então, tem muitos estudos sobre isso.

Então, é muito vasto, eu acho que hoje a gente tem muitas possibilidades, inclusive de falar do cinema sem propriamente estar analisando filmes, você pode fazer trabalhos somente focados no, sei lá, no discurso da imprensa sobre o cinema, por exemplo, na área do ensino. Eu lembro que quando cheguei na FECLESC, eu orientei um trabalho sobre o cinema na escola, qual era a visão que os estudantes, os professores de história, o corpo diretor da escola tinham do cinema, não o uso do cinema na sala de aula, especificamente, mas o que era o cinema para... Então, tem muita, muita coisa que pode ser feita, pensada e eu acho que a tendência é irem abrindo cada vez mais horizontes, esse aspecto, então, assim, por exemplo, no campo específico da história, os estudiosos estão procurando, estão abrindo novas perspectivas, Por exemplo, o Rosenstock, quando ele fala que o filme você vê, você trabalha não só com a razão, você trabalha com a emoção, a Michelle Annie.

Quando fala dos instrumentos que o cinema tem, para contar uma história, você descrever um ambiente com um plano geral, uma panorâmica, uma montagem, que ela permite o cineasta fazer e esse trabalho com o tempo, então, tem muita coisa interessante. Estava falando para vocês da biblioteca aqui, eu estava vendo um livro que eu comprei



anos... tem muitos anos atrás, que é uma história dos próprios instrumentos do cinema, quando surge, sei lá, um determinado enquadramento, uma determinada.

Ou seja, tem muita coisa, você pode pensar no campo mais técnico, no campo mais político, como era originalmente, os primeiros trabalhos, no campo dos regimes de visualidade, você pode pensar no campo da exibição, das salas de cinema, a cultura cinematográfica, a cinefilia, outro campo muito explorado, que é o do consumo do cinema, crítica cinematográfica, a história dos próprios estudos sobre cinema, das teorias cinematográficas, os diretores também, não somente os diretores de prestígio, mas também os diretores mais autorais, ou até os amadores, a gente sabe que existe esse cinema amador, em Quixadá mesmo a gente tem... Não sei se ainda produz filmes, um senhor que é dono da borracharia e que faz filmes amadores, tem também estudos, já pensando esse tipo de filme, para falar desses filmes de produção doméstica, que as pessoas fazem em casamentos, em alguns rituais.

Então, é um campo vastíssimo e que se ampliou com os novos suportes, porque hoje você faz filme com celular, um curto, médio ou longa-metragem. A gente vive numa sociedade que é muito visual, audiovisual, então esses suportes às vezes estão se hibridizando, estão se misturando, aí você não sabe mais o que é uma coisa, o que é outra, o que é arte, artes plásticas, o que é cinema. Então, eu acho que a tecnologia vai se transformando no ritmo tal, que a arte também vai se transformando e os estudos vão procurando entender essas novas realidades ou até abrir perspectivas mesmo. Eu acho que tem muita coisa, é difícil dizer, também não estou muito atualizado, eu parei que precisasse mesmo em 2017, 18, Só estou orientando.

Mas, o que me vem à mente são essas possibilidades, se pegar, estudar o filme, o filme, o contexto de produção, recepção, muita coisa mesmo, que pode ser feita aí, e de várias perspectivas também. E o próprio filme não só um produto ou artístico, ou comercial, mas o próprio filme como instrumento de captação da realidade, então, a gente sabe que tem muita gente hoje que quando estão trabalhando com etnografia, na antropologia visual, algum tipo de observação, está usando hoje o audiovisual. Em vez de gravar uma entrevista, você filma, às vezes faz depois um documentário, tem bastante criação, doc. ficção. Então, essa mescla também da arte com o documentário. Então, também tem isso, que é uma coisa



que antes se falava muito no campo do ensino de história, que era de você levar o filme pra sala de aula, trabalhar o filme na sala de aula. Mas o que a gente vê hoje é que os jovens estão produzindo filmes, sei lá, estão fazendo história local, estão indo pra campo, filmando, ou seja, é um mundo aí inesgotável, pra se explorar.

GSX - *Como você define a condição histórica da humanidade?*

SCC - É um ponto de vista datado ou vai se tornar datado, anacrônico, é o da minha geração. Desse ponto no tempo que a gente se encontra. Que é esse tempo pós-utópico, às vezes até distópico, e eu acho que a gente tá vivendo um tempo difícil, eu converso muito com os alunos, principalmente no campo das aulas de Teoria da História, quando eu ministro Teoria da História 2, que é essa crise de futuro que a gente tá vivendo, porque a história como disciplina científica, ela surge num contexto de progresso, de evolucionismo, de achar que a ciência vai libertar a humanidade e seus sofrimentos.

Assim, a história surge nessa perspectiva, então, você entendia que o passado, pra projetar o presente, aliás, projetar o futuro, eu tenho um certo controle do futuro e esse projeto malogrou no final do século XX, já com as duas guerras mundiais, com o nazismo, o holocausto, e com a queda do comunismo real, então, eu já meio que peguei essa transição pra esse mundo pós-utópico, então, os autores hoje, na área da Teoria da História, vão colocar isso, que hoje a gente tá vivendo um tempo presentista, a gente não acredita mais no futuro. E como a gente não acredita mais no futuro, o próprio passado, ele perdeu essa serventia, então, a gente não pode ser como se diz, passadista ou reacionário ou idealizar o passado, achar que é possível viver como era no passado, mas também não acredita que é possível construir um futuro, então a gente tá meio que preso nesse presente, François Hartog, o Kozelek, vai falar nisso, o alemão, então, essa é uma questão do nosso tempo. Isso, óbvio, me incomoda, me aflige, ainda mais como professor, é uma responsabilidade muito grande, eu vou ficar transmitindo ceticismo, desesperança pra jovens.

Isso não é bom pra eles, nem pra mim, e o que eu procuro fazer é procurar, com a ajuda dos autores, historiadores, filósofos, saídas dessa condição, que eu acho que existem. Então, tem autores aí que estão procurando inclusive saídas que são diferentes, no sentido,



por exemplo, dos alemães, o Gumbrich, escreveu aquele livro chamado 1926, que ele fala essa coisa de a gente apostar na história como um tipo de conhecimento, de formação humana, estética, em que você trabalha não só com a cognição, mas você mobiliza todos os sentidos, o tato, a audição, o olfato, a paixão, como uma forma de você de alguma forma reatualizar a história.

Outros, que acham que a saída é assumir uma história mais militante, no sentido de empoderar grupos subalternos ou minoritários, é uma saída, outros, se engajam nessa questão ambiental, então, eu acho que a gente tá nesse processo de transição, eu acho que já foi mais difícil, aquela geração ali quando caiu o muro de Berlim, foram os meus professores, acho que aquele contexto foi mais difícil, que a minha geração e a de vocês já tá, de alguma forma, encontrando saídas pra esse impasse, não tão, talvez enfrentar novas utopias, mas é esperança, eu não acho que a gente precisa de utopia pra viver, eu acho que a gente precisa de esperança, eu sempre falo pros alunos lá no Dante, lá no Entrada do Inferno tá escrito, eu acho que a gente precisa ter esperança, procurar sentidos, óbvio que os sentidos são vários, mas eu acho que é encontrar esses sentidos, então, talvez não seja mais acreditar numa sociedade que vai nos redimir de todos os problemas que a gente tem, mas acreditar na vida, acreditar no futuro, acreditar no presente e vocês são jovens pra isso, isso é fundamental.

Então, eu acho que o quadro hoje é esse, agora a história, eu acho que isso ajuda demais a gente, porque nos momentos muito ruins, a gente olha pra trás e vê que isso já aconteceu em alguma medida, as pessoas já passaram por isso. Vocês lembram da pandemia? Pra muita gente aquilo era o fim do mundo, aí a gente olhava pra trás e via, não, teve gripe espanhola, teve peste negra, teve episódios na história, e essa crise que a gente tá vendo, de futuro, também ocorreu no passado, vocês veem isso lá, quando eu tô estudando medieval, a coisa do milênio, dos milenarismos, essa questão, o que será que vai acontecer no ano 1000? Então, assim, a gente acaba tendo essa visão mais perspectívada das coisas e mais distanciada, de saber, tudo bem, a coisa tá ruim, mas vai passar, não vai durar muito tempo, então eu acho que a história, nesse sentido, ela nos de alguma forma nos dá esperança, essa coisa que tudo passa, tudo passa, isso é um momento da história.

Então eu não sei se eu respondi a sua pergunta, se era isso mesmo que você queria saber, Eu tô tentando falar mais do sentido do como é que eu me sinto hoje, o que é ser



historiador hoje, porque eu acho que é uma questão que a gente tem que lidar, não só no sentido existencial, mas no sentido mesmo de legitimação da disciplina, porque se a história não serve mais pra construir um futuro, ela serve pra quê? Então a gente precisa ter isso claro pra gente, qual é a função da disciplina da história? não é mesmo a função que eram em tempos antigos, qual é a função hoje? Então eu acho que a gente precisa disso, não no sentido corporativo, de defender emprego, é no sentido de mostrar mesmo que ela tem uma função ou tem uma várias funções na sociedade, mesmo que tenham se modificado, a sociedade se modifica e eu acho que as expectativas do que é ser historiador também vão se modificando e que a gente tem que pensar essas coisas, porque, como eu falei, no século XIX, a gente tinha esse papel, você tava ali, você tava ajudando a emergir, o Estado-nação, tava inventando o passado, depois você tava, de alguma forma, colhendo como diz o Benjamin Senteiras, do passado, de esperança, do presente, você vai atualizar aquelas lutas já dentro do mundo, já que lutava pela sociedade não capitalista, e hoje a gente tá vivendo outros problemas, são outras questões.

Mas eu acho que nosso trabalho ainda é válido e eu acho que, agente vai encontrar, tá encontrando e os próximos anos, eu acho que tendem a ser mais, como se diz, menos críticos, pra gente, historiadores, até porque é uma coisa que eu tenho notado também, que é com essa virtualização, Porque eu sou de uma época que a gente dizia, olha, eu e meus colegas que não se sentiam muito vocacionados pro magistério, a gente ficava “poxa, o que que a gente vai fazer e tal, só tem a educação, o magistério como caminho”. O papel de como historiador hoje é importante para validar as fontes, fazer essa crítica da fonte, desmascarar Fake News, demonstrar a fraqueza de alguns discursos. Então, hoje vocês têm, eu acho que têm outros meios também, vocês podem ter um canal no YouTube, vocês podem fazer filmes, documentários, resenhar livros, e quem sabe até viver disso. Então, eu acho que tem, profissionalmente falando, hoje vocês têm uma abertura grande, vocês podem fazer muita coisa.

Então, no âmbito da profissão especificamente, o mercado de trabalho está um pouco mais vasto para vocês. Isso eu acho muito, muito importante. Você está nessas novas mídias, podcast, acho muito legal também. O professor Edmilson, lá na FECLESC, ele trabalha



bastante com essas novas mídias. E eu acho que vocês têm muito, muito a ajudar. Cidadania, consciência histórica, a própria divulgação, divulgação científica, é importante.

SMS - *Como você avalia o impacto de sua posição política na sua prática docente?*

SCC - Talvez seja aquilo que eu falei, de ser um pouco mais formal. De me ater mais ao conhecimento produzido, ao texto. De não me colocar tanto ou no sentido de ser menos militante. De procurar ser mais, de alguma forma, apegado mais à própria historiografia. Talvez isso, talvez o impacto mais direto seja esse. Porque é diferente de quem vem de uma militância e encontra no magistério uma forma, ou outra forma, dessa militância, o que era muito comum, até a queda do comunismo real. Então, você tinha muitos professores de história que tinham ligações com grupos, partidos, de esquerda, e você acreditava firmemente que a educação ajudaria, de fato, a construir aquela visão de futuro que aquele grupo tinha. E quem vinha também de grupos religiosos.

A gente sabe que o ensino, historicamente, está muito ligado ao magistério religioso. Como eu não vim dessas esferas, talvez o que me tenha levado mais para a questão mais do texto mesmo. Como eu falei para vocês, para o bem e para o mal. Talvez isso faça com que eu seja mais aberto, talvez, na bibliografia. Nos referenciais, mas também me aliena um pouco das lutas do presente, do passado. E aí talvez eu não sei se isso também é uma autojustificação, quando eu descobri o Weber, e o Weber, apesar de ter sido também político, ele fazia essa separação da ciência, a lógica da ciência, a vocação da ciência e a vocação da política, eu passei a acreditar muito no Weber. Só que eu não sei se é uma crença racional, ou, na verdade, uma desculpa. Se eu me apeguei a isso, para dizer, não, eu vou seguir por esse caminho mesmo.

Porque a gente sabe que isso acontece também. Mas o Weber, eu acho que ele explica bem, que é complicado. Se você politizar no mau sentido, a ciência, partidizar, segundo o Weber, você vai fazer a ciência ruim. E se você também fizer o contrário, querer ser um cientista na política, a lógica da política é a lógica da conquista e manutenção do poder. A lógica da ciência, em tese, seria a gente procurar essa verdade, ainda que seja inalcançável, algo que me toca muito. Agora, assim, acho que só voltando para a análise, para descobrir



se é uma justificativa ou se é realmente uma crença racional. Más eu acredito muito nisso, más vocês como alunos, devem ter passado ou testemunhando isso, assim como o professor. Às vezes, o aluno tem ideia do projeto e quer mudar o mundo através do projeto.

Temos que falar que vivenciamos outra lógica, a lógica científica. Não podemos usar muitos adjetivos ou colocar objetivos extra-acadêmicos. Ao fazer um texto, esse texto será lido pela banca, talvez seja lido por outra pessoa, quando estiver online, na biblioteca. Isso não quer dizer que você tem que deixar de ser militante, cidadão, mas o conhecimento científico demanda outras disposições, outros atributos, até pela questão do rigor. Como o Rômulo falou, de você abrir a bibliografia, não dá a impressão que só existe aquilo que foi escrito sobre aquele tema, ou seja, estar aberto para o diálogo.

FRRM - *Como você define a sua relação com seus alunos?*

SCC - No início, por eu não ter essa vocação para o magistério, de timidez, introversão, era mais formal, talvez um pouco mais distante. Mas a despeito disso, sempre era uma boa relação. Sim, eu notava que os alunos procuravam depois da aula. Talvez até, simpatizassem mais comigo, talvez até mais como pessoa, do que como professor, estava começando. Então, com o tempo, eu acho que fui me humanizando mais também. Acho que fui também me abrindo mais nesse sentido.

E aí, quando fui trabalhar no interior, então, como eu falei para você, eu sou um sujeito muito urbano. Nasci na capital de São Paulo, morei em São Bernardo do Campo, cidade industrial. Tive a experiência de morar um ano no interior só. Então, eu sou muito urbano. Então, o universo do sertão central é bem diferente. Então, os estudantes são filhos de agricultores, muitos vivem em ambientes rurais, como também o Limoeiro. E para mim foi assim, foi muito positivo porque eu encontrei também no interior um perfil de aluno que eu também achei mais humano. Eu achei mais humano. Então, para mim foi uma descoberta. E ainda hoje, ainda bem eu tenho uma relação muito boa com os alunos. Não sei se é porque também sou liberal demais. Não sei se é por isso também.

Mas é uma boa relação. E eu acho que isso é fundamental, porque é muito ruim o ambiente de sala de aula que existe uma disposição da turma ou de parte da turma com o



professor. Eu sei que isso é perfil também de cada um. Isso tem a ver com temperamento, virtude também. E a gente sabe que tem. Tem professores que são mais provocadores, que são. Às vezes são estratégias. Mas eu acho que tem uma relação muito boa com os alunos e eu me sinto bem. Isso me faz bem no sentido pessoal mesmo. Eu acho que facilita. Pelo menos para a minha personalidade, que sou mais introvertido, que sou mais tímido, eu acho que o fato de ter uma boa relação humana, antes de ver o aluno, ver a pessoa, acho que isso facilita o magistério.

Antes de ser uma relação didática, é uma relação humana. Então, isso eu acho que é positivo. Talvez a coisa que mais me satisfaça, talvez no magistério, seja isso. Ter conhecido tanta gente, tantos alunos e ter uma boa relação com eles. Reencontrar depois, lá na cidade, quando eles vão visitar a faculdade. O aluno te procurar, vir conversar com você e dizer o que ele está. Poxa, muito bom. Isso, para mim, é muito importante. E eu acho que, se não fosse, eu não conseguiria. Justamente talvez por essa falta de vocação. Falta de vocação, eu não conseguiria se eu tivesse problemas de relacionamento com aluno. Então, eu acho que, para mim, isso ajuda também. Eu acho que, na medida em que eu os vejo como pessoas, eles também me veem como pessoa.

O que eu tenho de qualidades e fraquezas, defeitos também, eu acho que isso humaniza a relação. Então, eu acho que é boa, sim. Eu acho que a relação é muito boa com os alunos. Tomara que eu consiga manter assim até o final da minha vida, eu consiga manter essa boa relação com os alunos. É óbvio que o sucesso deles também é formidável quando a gente descobre que o aluno terminou o mestrado, doutorado, já está trabalhando, passou no concurso, construiu família. Isso também me satisfaz. Essa relação do presente ali também. E fortalece a gente. Me fortalece muito, porque vocês sabem, vocês são estudantes estão vivendo isso, a vida intelectual é muito isolada.

A gente passa muito tempo sem interagir, não tem tempo, com os livros, ou escrevendo, ou preparando aula, estudando. Então, esse contato semanal que eu tenho com eles, isso me revitaliza, me dá força, me dá vida, me dá sentido, o que eu estou fazendo antes, o que eu fiz nos dias anteriores, esse trabalho intelectual. Ali na sala, você, como se você concretizasse isso e nesse sentido à vida



GSX - *Quais espaços socioculturais você gosta de estar, agregam no seu viver?*

SCC - Eu sempre fui um sujeito mais caseiro, e fui envelhecendo e fui ficando mais ainda, anos atrás eu ainda frequentava cinemas, principalmente filmes de arte, que me interessam mais, tem isso também, o mercado exibidor ficou muito mais restrito para esse tipo de cinematografia, ai você tem em Fortaleza, em Fortaleza o centro Dragão do Mar, depois da pandemia eu deixei de frequentar, mas antes da pandemia eu frequentava, pelo menos uma vez por mês. E o acesso hoje também que a gente tem a filmes, por streams, por várias outras formas, de alguma forma também fez que a gente diminuísse a frequência ao cinema.

Quanto a outros espaços, também eu frequento pouco, confesso para você, o rock meio que está deixando de existir, que é o gênero que mais me atrai, mas confesso que a minha vida cultural, fora que da minha biblioteca de casa é mais restrita, assim às vezes frequento algumas exposições, mas assim eu confesso, é uma coisa que eu acho que é, uma coisa negativa, porque se eu fosse mais ativo .nesse sentido, eu podia ser um melhor professor também, se tivesse mais antenado, espaços culturais, artísticos, então acho que falta isso para mim, falta essa experiência, e de viajar também, esse fato de ser muito caseiro, a gente sabe que na história é importante isso, você ter acesso a esses vestígios em loco, então acho que se eu fosse um sujeito que viajasse mais, eu também ia ser um profissional melhor.

Então assim, eu preciso melhorar muito .nesse aspecto, eu acho que isso é muito importante, porque a formação, como falei, a relação humana não é só técnica, não está formando só historiador, está formando ser humano, quanto mais você estimular aquele trabalho com outras sensibilidades, com as artes, isso é muito importante, mas eu confesso que mesmo o cinema, eu uso muito pouco, os alunos às vezes falam, você precisa de cinema, mas não usa o cinema na sala de aula, eu meio que separava, usava no grupo de estudos que eu tinha, mas na sala de aula não faço muito uso desse recurso, mas eu acho que é uma carência minha.

GSX - *Como você trabalha a relação entre pesquisa e ensino?*



SCC - Quando eu tinha um grupo de estudos eu meio que fazia essa separação, não precisava problematizar tanta separação, porque eu ministrava as aulas, ministro aulas na área de teoria e também introdução à sociologia, porque fiz doutorado de sociologia, e antes de mim, quem ministrava essas disciplinas era um professor que tinha alguma relação com a sociologia, ou tinha feito graduação, ou mestrado, doutorado, e acabei assumindo essa disciplina cerca de 10 anos atrás. Então, como professor, eu fico responsável pelo magistério dessas disciplinas, e como eu tinha essas pesquisas, quase todo ano eu fazia um projeto de iniciação, eu desenvolvia no grupo, e o grupo a gente se reunia semanalmente, funcionava quase como uma disciplina, então assim, de alguma forma eu procurava dar conta, e depois com a extensão também, trabalhando esse tripé da universidade.

Mas depois que acabou o grupo, eu confesso que ficou um pouco dissociado, eu desenvolvo essas pesquisas meio que a margem fora das disciplinas. Procuo fazer algum tipo de intersecção, mas mais no plano do discurso, então esse eu acho que é um problema, porque eu acho que ideal seria se a gente conseguisse trabalhar as disciplinas, tendo sempre como foco a pesquisa. Agora sim, no caso da sociologia, a gente faz pesquisa de campo, já há muitos anos a gente trabalha, então além de ver a história da sociologia, as teorias sociológicas clássicas, contemporâneas, os conceitos-chave da sociologia, os alunos também fazem pesquisa de campo, então tem isso também, eles vão pra campo, colhem dados, analisam, apresentam no final da disciplina, às vezes fazem até pequenos documentários.

Então assim, na teoria já menos, por exemplo, eu tenho ficado com a teoria da história I, é século XIX, o que a gente faz mais na área de pesquisa, é mais no final da disciplina a gente analisar textos do século XIX, então procurar ver de que forma, por exemplo, um historiador positivista trabalha, os alunos vão, estudam o texto daquele autor e fazem um exercício de identificar como é que ele trabalha as fontes, como é que ele recorta o objeto, o tempo, o espaço, os referenciais teóricos, então a pesquisa aparece aí, de resto é basicamente bibliográfico, é leitura de textos, alunos leem os textos, discutem os textos, então assim, a pesquisa aparece mais dessa forma, mais tradicional, mas eu confesso que o ideal seria mesmo se eu conseguisse adotar uma lógica de ensino que fosse a do grupo de estudos que eu tinha, que toda a lógica estava assentada em projetos, na pedagogia de projetos.



Agora, o problema que eu vejo de fazer isso na graduação é o tempo e a exigência que isso dão, então eu temo não conseguir dar conta, por exemplo, são turmas dos primeiros semestres, em produção de sociologia tem mais de 40 alunos matriculados, mesmo que nem todos curseem, então fazer isso com 40 alunos, no grupo de estudos eu cheguei a ter 20 alunos frequentando, então era muito trabalho, vocês imaginam, cada aluno com um projeto, e você, então isso eu acho que talvez seja o maior problema, de não conseguir dar conta, mas eu acho que a situação ideal era essa, mas essas turmas iam ter que ser mais reduzidas, porque aí de fato você trabalhava aquele elemento já a partir de projetos, cada aluno com o seu projeto, e aí você, os textos, a discussão teórica, historiográfica, todo estaria sendo já instrumentalizada para uma pesquisa em específico, mas eu confesso que turmas pequenas, turmas maiores, eu acho que eu não sei se eu conseguiria.

Então é assim, está mais ou menos nesse pé hoje, mas é uma coisa que me incomoda, eu sempre fico, no próximo semestre eu vou, mas aí eu vejo que não vou conseguir dar conta, porque vocês sabem, na universidade, a nossa carga horária em sala de aula é menor do que na educação básica, mas a gente tem outras atribuições, você tem orientandos de iniciação, tem orientandos de pesquisa, monitores, ou às vezes tem algum, ocupa alguma função administrativa, porque de fato boa parte da universidade ela é organizada e gerida por professores, a gente não tem tantos servidores, a quantidade de servidores que a gente necessitava, então isso acaba sendo uma questão de tempo mesmo, você não dá conta, e aí eu temo também de assumir e fazer mal feito, aí eu acabo preferindo não fazer, do que me propor fazer uma coisa e depois fazer por fazer, mas me aflige sim, eu acho que isso é um problema.

SMS - O que é História para você? Como esta definição de História atravessa suas escolhas teóricas e metodológicas na sala de aula?

SCC - Eu como professor de teoria I, isso foi muito importante para mim, como a gente tem contato com a historiografia pré-Annales, mesmo com a historiografia pré-científica, isso de alguma forma me deu mais segurança para essa abertura de ver que a história é tudo o que ela foi. Então, mesmo que hoje a gente tenha um tipo de historiografia



que predomine essa dos Annales assentadas em problemas, em problemas muito próximos da sociologia, em hipóteses, outros fazeres concorrentes, coetâneos, ou fazeres mais antigos, ainda existem. Eu falei para vocês, a historiografia anglo-saxã, que não é muito consumida no Brasil, a própria historiografia alemã que está chegando agora com mais força. Então, para mim, a história é tudo isso. Eu acho que todas essas são formas válidas de se praticar a história.

Óbvio que você não vai fazer uma monografia, uma dissertação, uma tese completamente modeladas pela historiografia romana, ou grega, ou medieval, ou renascentista. Você vai atualizar, mas muita coisa eu acho que é ainda viável. Por exemplo, eu falei da Bárbara Tátima, eu estava comentando com meus alunos ontem, apresentando a obra dela, em um livro dela que chama “*Prática da História*”, em que ela faz uma história que é rankeana ainda. Você fala, isso é anacronismo, isso não faz sentido, mas eu acho que faz. É um tipo de história que não é muito teórica, não coloca essa questão de uma história problema, de hipótese, muito ancorada em documentos primários. É uma história muito política, muito preocupada com a instância decisória, de como as decisões políticas impactam as sociedades.

Ou seja, é uma história, para vocês terem uma ideia, eu comentei com os alunos ontem, disse que o Kennedy, quando teve a questão da Baía dos Porcos, quase teve uma terceira Guerra Mundial, quando os russos colocaram, os soviéticos colocaram mísseis lá em Cuba, ele deu para os assessores lerem, leiam esse livro aqui, eu acho que foi o livro dela sobre a Primeira Guerra Mundial, que ela mostra que os canhões de agosto, o que levou à guerra, na verdade, foi essa falta de bom senso, de sabedoria dos governantes na época, que às vezes tinham até laços familiares, então isso, ou seja, ela diz, a historiografia serve o que? Para sabedoria, para você aprender a agir bem, ou seja, é uma coisa que para a gente não faz sentido, essas questões mais morais, e eu acho que faz sim.

Então, eu acho que esses tipos de historiografia, eles são vários e podem ser praticados, é óbvio que você vai fundamentar, você vai adotar, fazer isso com rigor, mas eu acho perfeitamente possível, então eu acho que essa, a história para mim, hoje é tudo isso, são todos esses modelos historiográficos que já existiram, e também a função da história também, então a história pode servir para a gente lidar com problemas do presente, numa



perspectiva mais sociológica, como eu queria usar os Annales, mas a história pode servir também para ajudar a gente a agir bem, agir com mais racionalidade, ou não descurar do bom senso, para a sabedoria, até para se inspirar mesmo, a gente critica tanto aquela história, modelar, mas se inspirar também em ações que a gente acha que foram boas, eu acho que a história é tudo isso e eu acho que vai ser, tudo o que foi construído no futuro também, vai ser válido.

Então como eu falei para vocês, como estudante, a gente era muito levado a crer que o único perspectiva possível era a perspectiva dos Annales, ou da micro história, que pouca gente fazia, ou a marxista, que ainda era forte, mesmo na perspectiva do marxismo de outra ordem, materialismo mais cultural, mas e as outras formas possíveis, eu acho isso muito importante, porque em uma sala de aula você tem alunos com expectativas muito diferentes, com histórias de vida muito diferentes, então eu acho que quanto maior for as opções que você apresenta a eles, eu acho que é mais fácil eles se identificarem com a própria disciplina, então sei lá, o aluno não se identifica com os Annales, não se identifica com a micro história, mas ele se identifica com outro modelo historiográfico, então para mim a história são todas essas perspectivas, e eu me esforço para expor isso aos alunos, essas várias perspectivas, esperando que eles se encontrem com alguma delas, se identifiquem com alguma delas, então eu procuro transmitir para eles também essa minha curiosidade intelectual, essa minha vontade de conhecer outras coisas.

Então acho que é isso, acho que tanto no plano mais do conteúdo, como no plano mesmo da função da história, ou para que serve a história, eu acho que ela serve para tudo isso, até para nada, como diz o Paul Vane, no texto, ele começa lá a dizer que a história serve para eles, não, a história não serve para nada, serve para o historiador, para o brasileiro historiador, então até nesse aspecto do hobby, até isso, até para isso serve, eu acho que serve para muito mais coisas, eu acho que a gente não precisa escolher uma função para a história ou um tipo historiográfico, acho que a gente, é óbvio que a gente escolhe, tem preferências, mas todos são possíveis e todos são válidas, desde que feitas com algum rigor.

FRRM - *Ao longo de sua experiência docente, o que você apontaria como principais dificuldades e desafios?*



SCC - Um é esse que eu comentei, talvez se a gente tivesse turmas com menos alunos, não sei como seria feito isso, porque foi muito boa a democratização do ensino superior. Hoje, muito mais pessoas têm ingresso. Eu lembro quando fiz o vestibular para a história, eu lembro que a turma era de, acho que eram 12 alunos. Imagina, num ano, entraram só dois alunos. Então, a universidade era muito elitizada ainda. Isso foi muito bom, essa democratização, que eu acho que não é só a democratização da universidade, é a democratização do Brasil, que acaba o país sendo beneficiado com isso. Mas cria esse problema também.

Às vezes, ainda que a evasão seja muito grande, os cursos em licenciatura acho que também deve ser o caso aí de vocês em limoeiro, mas às vezes as turmas são muito grandes e isso acaba, de alguma forma, dificultando esse trabalho mais personalizado com cada aluno. Então, acho que se a gente tivesse mais tempo e mais possibilidade de trabalhar mais vagar com cada aluno, conhecendo melhor as suas necessidades, suas peculiaridades, podendo já, de alguma forma, adotar algo parecido com a lógica da orientação, que de fato a gente aprofunda essa relação e tem um acompanhamento maior de cada aluno, eu acho que isso seria um ganho.

Agora, não sei como é que se resolveria isso. No caso, acho que talvez uma saída fosse ter mais professores. Com mais professores você conseguia ter esse acompanhamento mais sistemático, para a relação ficar menos impessoal, principalmente quando as turmas são grandes, esse é um problema. Outro problema que eu vejo, e talvez tenha a ver com a minha própria disposição, os meus interesses, é uma certa pressão constante de você aumentar a prática do magistério, as práticas pedagógicas nos cursos. Então, eu vejo isso como um problema, porque me parece que às vezes se quer resolver ou melhorar a formação do estudante, ou melhorar a qualidade do profissional da educação básica, aumentando a carga horária de estágios, de licenciatura.

E aí, não sei se eu estou me defendendo, me justificando, se é uma coisa mais pessoal, mas me parece que o investimento maior deveria ser feito na pesquisa mesmo. Então, eu acho que a gente ia formar melhor os alunos, esses alunos iam ser melhores professores, se eles tivessem uma formação mais voltada para a pesquisa. Porque a experiência que eu tenho



é que um graduando que leu bastante, que pesquisou, ele vai se tornar um bom professor muito rapidamente. Eu acho que eu vejo isso sempre nas reformas de currículo, sempre essa questão de o que falta aos alunos de licenciatura é sala de aula, é sala de aula.

E às vezes eu acho que o que falta é isso, é pesquisa mesmo, ter tempo para estudar. Então, eu acho que se o investimento fosse feito mais nisso, possibilitar o estudante que invista mais na sua formação, tanto no âmbito do estudo quanto da pesquisa, eu acho que é óbvio que não está dissociado. O aluno também quando se demanda dele mais estágios, mais prática na escola, isso é óbvio que vai de alguma forma demandar dele também que invista mais no estudo, na formação, mas eu desconfio um pouco disso. E eu acho que isso cria um problema também nos próprios currículos.

Por exemplo, eu sou de uma geração que a gente tinha a introdução à filosofia como disciplina obrigatória, introdução à sociologia como disciplina obrigatória, então, essas disciplinas foram desaparecendo justamente para dar conta das disciplinas da área voltadas para o ensino. E eu não sei, para a gente historiador, ou para mim foi tão importante ter contato com essas disciplinas, que eu não tive na educação básica, saber o que era antropologia, filosofia, sociologia e você sacrificar isso. Eu não sei, eu vejo isso como problema, mas eu sei que eu devo ser minoria.

Mas é uma tendência que eu identifico, desde quando eu ingressei no magistério superior, essa tentativa de melhorar a formação, investindo na pedagogia e não na pesquisa, ou mesmo nas disciplinas de conteúdo. As coisas que eu consigo formular agora são essas, talvez as que eu vejo mais problemáticas.

GSX - *Nas palavras de Rubem Alves, “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, quando ensinamos, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”. Apesar das graves problemáticas que envolvem a educação básica e universitária no Brasil, você concorda com Rubem Alves?*

SCC - Eu teria que ver o contexto em que ele está dizendo isso, mas eu confesso que essa questão de me imortalizar nos alunos, ou me manter vivo nas próprias gerações de



historiadores, eu confesso que isso não me toca muito. Não é falsa modéstia, não. Inconscientemente, talvez seja, mas pelo menos no plano racional não é algo que me atrai muito. Já me atraiu quando era mais jovem, essa coisa, a ambição de ser conhecido, de ser um historiador renomado. Não é isso que me move, não. Se esse for o sentido que ele quer dar, que diz que nós somos mortais, mas o que eu fiz no meu magistério vai sobreviver, talvez o que me toque mais seja o próprio presente.

A coisa mais no sentido de eu ajudei alguém, por meio do magistério eu pude ajudar essa pessoa a ter alguns instrumentos para ser um melhor profissional, uma pessoa que tenha um horizonte mais amplo. Talvez mais nesse sentido do impacto no presente, ainda que a gente saiba que no magistério, geralmente, a gente só vê os frutos lá na frente. A gente só vê lá depois que o aluno volta e te agradece e fala, olha, fui seu aluno, você foi importante. Isso é uma das coisas mais preciosas. A gente vê isso mais longe, mas assim, eu confesso, não é o que me move, não. Saber que vão ter pessoas depois que vão, de alguma forma, ver o mundo da forma que eu ensinei as ver.

Não estou criticando o Rubem Alves, não, nem vocês que formularam a pergunta, mas realmente, essa questão da imortalidade, me importa mais o resultado no presente, o que eu pude fazer no presente? Eu pude, de fato, ajudar, ser útil, o fato de eu ter cruzado com aquela pessoa na vida? É mais nesse sentido mesmo, isso eu acho que me satisfaz mais.

FRRM - *Façamos um exercício de imaginação: pedimos para que você feche os olhos e se coloque diante do Cosmo. Como você se sente, se percebe?*

SCC - Sim, é talvez seja aquela resposta que eu tinha dado sobre a gente ser... acho que o Mark Bloch dizia que a gente era mais parecido com a nossa época do que com os nossos pais. Então, eu acho que eu sou, nesse sentido, filho do meu tempo, dessa geração pós-utópica, e os limites e os potenciais dessa geração, talvez um pouco mais cético do que meus colegas, a gente está falando da questão da militância, talvez um pouco mais cético, mas aí talvez seja uma questão mais de temperamento mesmo, de disposição, e aí não há crença que a gente, talvez possa lidar com os problemas num nível mais, mais microscópico do que macroscópico, no sentido de você procurar transformar o seu entorno, não acreditar



que você é capaz de mudar o mundo, melhorar o mundo, mas você, como alguém, você pode fazer alguma coisa, no âmbito do seu trabalho, da sua comunidade, no âmbito familiar, extrafamiliar.

Então, talvez isso, talvez eu não seja um sujeito que acredite em utopias, mas acredite no significado da ação, ou seja, a gente pode fazer alguma coisa, a gente não pode fazer tudo, mas a gente pode fazer alguma coisa. E se a gente sabe que pode fazer alguma coisa, eu acho que a gente deve procurar, fazê-la, sempre possível procurar, agir da forma que a gente acha que serve mais a coletividade, por isso que eu me preocupo com os valores. A filosofia me atraiu muito isso, você estudar os valores, o que é a boa ação, o que é agir bem, Então, eu acho que é por isso, justamente por não acreditar tanto em soluções políticas, e acreditar mais no que a gente pode fazer no nosso cotidiano e isso eu acho que se reflete no meu ofício, quando é tentar mostrar para os alunos que existem várias formas de se olhar para o passado e também para o presente, e cabe a cada um procurar se encontrar e procurar ajudar, ajudar os alunos que são jovens a descobrir as suas vocações, a descobrir os seus pendores. Então, talvez essa seja a minha forma como me coloco no cosmos, não é uma forma muito ambiciosa, mas é, talvez um pouco cética. Mas também não posso perder de vista a esperança, eu acho que sem esperança não há mesmo futuro, sem esperança.

GSX - *Considerando o recorte temporal que você já viveu e o tempo que você ainda tem para viver, quem é Sander Cruz Castelo?*

SCC – Nossa, eu acho que é esse sujeito que meio que encontrou sentido na vida intelectual, não exclusivamente na vida intelectual, porque, como eu falei para vocês, eu me sinto mais ou menos como se eu estivesse me preparando sempre para o trabalho, no sentido de que a semana antes da aula eu estou me preparando para a aula ou estou me preparando para uma orientação, ou estou me preparando para alguma atividade, então, é como se eu tivesse, de alguma forma, encontrado sentido ou tivesse meio que a serviço dessa vida intelectual e como ela, de alguma forma, se expressa no ensino ou se concretiza ou toma mais forma no magistério, e aí eu acho que eu acabo dando sentido para mim, para a minha vida, no sentido de que mais me agrada, que mais me apraz, que é esse universo da leitura,



dos livros, e me sinto útil, a coletividade, eu acho que não é uma coisa que teria sentido só para mim, Eu acho que é também ajudar os outros a encontrarem esse sentido, e aí a relação com os alunos, a própria pesquisa, talvez.

SMS - Por fim, qual sugestão/conselho você daria para quem decidiu iniciar o curso de História?

SCC - Eu acho que era, assim, a história, eu acho que essa é uma das maiores qualidades do nosso campo, porque é um campo aberto por natureza, então, independentemente da vocação do aluno, do interesse do aluno, ele tem como se descobrir no campo da história, é muito vasto. E isso, os Annales foram muito importantes também, essa abertura de temas, de métodos, de conceitos, de teorias.

Então, o que eu daria como conselho é ter paciência, às vezes o aluno não se encontra no início do curso, mas aí faz uma disciplina, encontra um professor e acaba se descobrindo, então, isso ocorre com uma relativa frequência, o aluno que começa não estar muito interessado, mas depois se descobre e às vezes até se destaca, isso ocorre às vezes, o sujeito se destaca como um grande pesquisador, uma referência e como estudante ele nem era tão engajado, então, é isso, é ter paciência, eu digo isso porque eu larguei faculdade, eu larguei o curso de Direito, Larguei o curso de História, depois voltei, então, eu descobri que é necessário você ter também esse investimento e dar tempo ao tempo.

Outra coisa que eu diria também, é procurar, eu sei que isso é difícil, não é fácil, mas é encontrar a vocação de vocês, o que me toca mais, o que me move, o que me dá mais sentido à vida, porque eu acho que vocês vão ser mais, têm mais possibilidades, de serem bem sucedidos, No campo, tanto no campo profissional, no campo humano, de olhar pra você, o que me toca, o que me dá força pra agir, pra viver, e eu acho que, dentro da história mesmo, isso é possível, Ou seja, a formação do historiador, ela serve, inclusive, se você não quiser trabalhar na área, vai te habilitar pra várias coisas, porque é uma formação muito ampla, a gente tem contato simplesmente com a humanidade, com o que a humanidade fez antes de nós, então, isso é, eu acho que essa questão humana também é fundamental.



Então, é isso, é ter paciência, ver se realmente, você não consegue se encontrar no curso e procurar sua vocação, e procurar, de alguma forma, começar a se desenvolver, essa vocação. Vocês viram o meu caso, não foi por acaso que eu fiquei boa parte da minha vida acadêmica, no cinema, isso começou lá quando eu era pré-adolescente, assistindo filmes, lendo revistas, depois querendo ser crítico de cinema. Então, vejam, foi uma coisa que tinha ali, latente, que eu acabei desenvolvendo e eu acho que esse é o caminho, é o caminho, é procurar ver o que você gosta mais de fazer, qual é o seu hobby e transformar isso num objeto historiográfico. Então, acho que existe essa abertura.